

Aqui começa onde começa
a traço fino a história deste dia — é o início? O
modo de mover-se.
Ecco detto quanto riguarda l'inverno: corpo ferido
pela natureza dia e noite antes e depois a erva daquele
cheiro que prolonga a vida.

Estamos no dia de natal. Na casa lançou-se feno pelo
chão tal como fazem os etíopes
e nos pátios acabámos de degolar os últimos cabritos.
O inverno aqui começa onde começa. À maneira desta imagem
inverno como um verso rectificando a ilusão domina-o
(suposição impensável aos teus olhos)

de inverno.
A morte de um pássaro morto por outro pássaro
repetido grito marcando a sua ida sobre a terra repetido
traço último traço voado sob o modo de mover-se.

Aqui começo: eu não quero ver mais com os olhos do corpo.

Rodeado da terra onde se nasce
diante do madeiro ardendo
ao longo da noite
com todos os da casa
mais o menino de barro
azul e branco pintado de Estremoz.
Na parede a chaminé
é o coração da casa
mais o gato
o cachorro
e os fumos.

Tomo um café no Alvito
e compro um barro em Viana
sigo por uma estrada de castelos perdidos
rodeado da terra onde se nasce
diante do madeiro ardendo
come-se
miolos com ovos.

Dizem é a voz dos moços rijos e sadios
sob as abóbadas da sé e das igrejas de lajedo
onde a custo se lê a inscrição de túmulos e
memória.

No fundo dos vales no adro das aldeias arde a
fogueira pelo tempo da noite entre
rios e canções entre risos e carregos e lenha.
Coração folgado para velhos e meninos.

Para lá do Douro as coisas às vezes escapam
digo das gentes serras lobos e das pedras que
são mais ásperas para a vida.
E digo desse menino restaurado de Miranda que leva

para Castela o de Castela dispara pelos campos
a coberto da fronteira. Que nos guarde
menino de gibão e espada à cinta chapéu alto
ao jeito de gentil-homem por quem os sinos

tocam o natal dos anos português.
Para lá das Beiras quem reina sobre a dúvida
sobre o canto dizem ser a voz dos moços rijos
S. João Evangelista uma das vezes Santo Estêvão

outra das vezes
sob as abóbadas da sé e das igrejas.

Não há remédio para este menino perdido
de Barcelos às centenas e centenas povoado
em quadro vivo.
A senhora da Expectação a senhora do Ó a
senhora do Leite passaram de Dume a Braga
guardam à pedra grande e lisa do borralho
o lume forte
pinheiro manso ardendo as pinhas abrem
deixam para o rapa para o par ou pernao
até que a meia-noite soe
e Júlio Diniz solte o primeiro riso do
capricórnio menino
à porta da igreja o fogueteiro anuncia a
grande nova.

A abstracção não precisa de mãe nem pai
nem tão pouco de tão tolo infante

mas o natal de minha mãe é ainda o meu natal
com restos de Beira Alta

ano após ano via surgir figura nova nesse
presépio de vaca burro banda de música

ribeiro com patos farrapos de algodão muito
musgo percorrido por ovelhas e pastores

multidão de gente judaizante estremenha pela
mão de meu pai descem de montes contam

moedas azenhas movendo água levada pela estrela
de Belém

um galo bate as asas um frade está de acordo
com a nossa circuncisão galinhas debicam milho

de mistura com um porco a que minha avó juntava
sempre um gato para dar sorte era negro

assim íamos todos naquela figuração animada
até ao dia de Reis aí estão

um de joelhos outro em pé
e o rei preto vinha sentado no

camelo. Era o mais bonito.
Depois as filhoses o acordar de prenda no

sapato tudo tão real como o abrir das lojas no dia
de feira